

Paralímpicos lusos em 1972

Memórias de HEIDELBERG

Eram onze, mas não há registo dos seus nomes. Feridos nas guerras de África, tornaram-se atletas e formaram a seleção de basquetebol em cadeira de rodas que colocou o nome de Portugal nos Jogos Paralímpicos; 44 anos depois, juntámos dois desses heróis e desfolhámos memórias.

Em junho último, uma estrela do futebol mundial, Neymar, aceitou vender os olhos e colocar-se no papel dos jogadores paralímpicos de futebol de 5. Embora se diga, às vezes, que Neymar e companhia jogam, no Barcelona, de olhos fechados, o craque brasileiro ficou a admirar os futebolistas paralímpicos pela sua extraordinária capacidade para ultrapassar os seus condicionamentos, algo que se estende a todos os desportos e que será certamente patente nos Jogos do Rio de Janeiro, que terão lugar entre 7 e 18 de setembro. Portugal lá estará, na sua décima participação, dando continuidade a uma saga extraordinária, iniciada em 1972, em Heidelberg, por uma inesquecível (mas esquecida) seleção de basquetebol em cadeira de rodas. É dessa saga que aqui damos conta.

DA GUINÉ E DE ANGOLA AO ALCOITÃO

“Portugal... unknown”. É assim que estão registados os nomes dos membros da comitiva portuguesa de 1972 nos arquivos do Comité Paralímpico Internacional. Por uma razão difícil de explicar, a lista dos nossos primeiros paralímpicos não existe em lado algum. Foi apenas há 44 anos, mas é como se nunca tivesse existido. No entanto, aconteceu mesmo: uma seleção de jogadores de basquetebol em cadeira de rodas, todos eles oriundos do Centro de Reabilitação do Alcoitão, no Estoril, e do Hospital de Sant’Ana, na Parede, assinalou a estreia de

Portugal nos Jogos Paralímpicos, que então já tinham 12 anos de história, desde Roma 1960. A equipa portuguesa, inserida na Divisão II, disputou quatro jogos: perdeu três (com Bélgica, Espanha e Canadá) e venceu um (frente à Suíça). Hoje, fala-se numa lista de onze atletas, que, não estando registada em lado algum, só a memória pode resgatar.

Fomos à procura dessas memórias. António Vilarinho, prestes a completar 70 anos, foi um dos representantes portugueses em 1972. Em novembro de 1968, na Guiné, levou um tiro na coluna e foi transferido de urgência para Portugal, para extrair a bala; ficara paralisado nos membros inferiores. “Primeiro, fui para o Hospital Militar, durante uns meses, e depois para o anexo... Quando saí de lá, já me conseguia mover com o auxílio de muletas. No Alcoitão, onde continuei a recuperação, foi então criada esta equipa, sob orientação do ‘Mr. Músculo’.”

O Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão era, na altura, o principal local para a recuperação de deficientes civis, mas sobretudo dos militares que regressavam feridos da Guerra Colonial. Quando esta rebentou, no início da década de 60, o país foi, de alguma forma, apanhado desprevenido. Não havia sistemas de recuperação nem legislação aplicável para apoio aos militares feridos, cujo número aumentava continuamente; uma das medidas tomadas foi a criação do centro do Alcoitão, inaugurado em 1966, há exatamente 50 anos.

Foi lá também que foi parar, entre muitos soldados feridos em África, António Botelho, paraquedista em Angola, entre 1963 e 1965. “Cá mal, fraturei a coluna...”, recorda hoje, com 74 anos e um olhar resignado sobre o momento em que a sua vida mudou drasticamente.

No Alcoitão, Botelho encontrou uma saída no basquetebol, a partir de 1969: “Já fazia desporto antes, pelo que... porque não continuar? Havia um campo de alcatrão, com duas balizas, e havia duas tabelas, com cestos... Fazíamos brincadeiras com bolas, sobretudo para exercitar os músculos dos braços, atirávamos a bola ao ar... A pouco e pouco, surgiu a ideia de jogarmos basquetebol em cadeira de rodas.”

“DIREITO A FATINHO...”

O desporto não surgiu no Alcoitão por acaso. Alguns dos médicos portugueses estagiaram com sir Ludwig Guttmann, neurocirurgião alemão considerado o fundador do movimento paralímpico, pelo seu trabalho no Hospital de Stoke Mandeville, em Inglaterra, onde dirigira a Unidade Nacional de Lesões Vertebro-Medulares, integrando, de forma pioneira, o desporto nos programas de reabilitação. Foi assim que os médicos portugueses passaram a incluir o basquetebol em cadeira de rodas no trabalho que faziam com os seus pacientes, nomeadamente no Centro de Reabilitação do Alcoitão.

A equipa foi formada e treinada pelo fisio-

terapeuta Ângelo Lucas (“Mr. Músculo”, como lhe chama Vilarinho) destacado pela sua dedicação ao treino físico, mas que, segundo os nossos basquetebolistas, “nada percebia de basquetebol”. Quando surgiu o convite para a participação nos Jogos Paralímpicos de Heidelberg, foi necessário preparar a comitiva: não havia cadeiras de competição ou equipamentos, e foi nesta ocasião que se destacou o papel desempenhado por Amélia Pitta e Cunha, mulher de um ex-ministro de Salazar, que liderava a secção feminina da Cruz Vermelha. “Foi ela que organizou a nossa participação”, lembra Vilarinho. “Tivemos direito a fatinho, e até algumas libras...”

Heidelberg era então uma pequena cidade da Alemanha Ocidental, que foi sede dos Jogos Paralímpicos porque a vila olímpica de Munique, sede dos Jogos Olímpicos, não havia sido adaptada para atletas em cadeira de rodas. Em Heidelberg, havia instalações apropriadas, de tal forma que ali foi programada uma agenda cultural e social, para promover a interação entre os atletas, que se tornaria algo essencial nas edições seguintes do evento.

UMA NOVA MENTALIDADE

Tudo isto foi sentido de uma forma especial pelos portugueses. “Era outra mentalidade! Participar nos Jogos Paralímpicos foi o melhor



Recordar. António Botelho e António Vilarinho guardaram alguns recortes de jornais com as poucas notícias publicadas na altura sobre a participação portuguesa.

► A primeira participação terminou num penúltimo lugar

que nos podia ter acontecido... Nós íamos muito fechados, cheios de complexos, e vimos que não tinha de ser assim...”, sublinha António Botelho, que recorda um episódio: “Cá, tentava-se esconder os deficientes... Ainda me lembro de quando descobri um daqueles triciclos de três rodas, vermelho, por estrear... Chamei-lhe um *Ferrari*! Utilizei-o, dei umas voltas com ele, e às tantas fui chamado à chefe, que me disse que não podia andar naquilo, era preciso carta de condução... Ora, eu tinha cartas de tudo e mais alguma coisa, mostrei-lhe a carta. Sabe o que fizeram? Fecharam o triciclo a cadeado!”

António Vilarinho também registou o convívio com uma nova mentalidade sobre a deficiência: “Aquilo era um mundo de deficientes... Foi uma grande experiência para todos nós! Cá era outra mentalidade... Ainda me lembro de quando vinha a casa e as pessoas iam ter comigo: ‘Que te aconteceu? Coitadinho...’”

Dos quatro jogos disputados, Vilarinho e Botelho não guardam as melhores recordações. As derrotas foram pesadas (sobretudo com a Bélgica, 71-18!), mas o triunfo sobre a Suíça (27-25) deixou um gostinho doce na memória. “O Ângelo Lucas era o treinador, mas nada percebia de basquetebol, e em Heidelberg não acabou o torneio como treinador! Estávamos fartos de perder, de levar pancada, e um dia chamámo-lo e dissemos-lhe: ‘Se fores para o banco, não jogamos. Se fores para a bancada, jogamos...’ Ele foi para a bancada, e por isso é que ganhámos à Suíça!”, lembra Botelho, divertido.

Certo é que a primeira participação paralímpica de Portugal terminou ali, no quarto lugar do Grupo A da Divisão II do torneio de basquetebol em cadeira de rodas. No regresso, à chegada, no aeroporto, não havia bandeiras nem aplausos. “À nossa espera, estava apenas o pessoal da Cruz Vermelha...”, lembra Vilarinho. Os nomes desses primeiros onze paralímpicos portugueses não ficaram registados. Puxando pela memória, Vilarinho e Botelho reconstituem a lista quase toda, mas ainda faltam dois: além deles, havia o Fragata, o Moraes, o Zé Luis, o Hilário, o Ramiro, o Borges, o Neves...

Alguns destes atletas teriam, no ano seguinte (1973), uma nova experiência internacional, participando nos Jogos de Stoke Mandeville, em Inglaterra, que se realizavam desde 1948, sob orientação do referido Ludwig Guttman, e foram, de facto, a grande inspiração para os Jogos Paralímpicos.



Sem complexos. Botelho e Vilarinho, que hoje fazem o seu dia a dia com o auxílio de muletas, aprenderam em Heidelberg a olhar de outro modo para a sua deficiência.

LONGEVIDADE DE VILARINHO

António Vilarinho deixaria depois o Centro de Reabilitação do Alcoitão, ingressando no Centro de Formação da Venda Nova (“Queria tirar o curso de Design de Construção Civil...”), e quando saiu foi trabalhar para o estado. Desportivamente, continuou ativo, até hoje: Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), Associação Portuguesa de Deficientes-Lisboa, Santoantonienense, Trovões, e de novo APD-Lisboa, onde ainda se mantém a competir. Com quase 50 anos de atividade, é o jogador com mais longevidade no basquetebol em cadeira de

rodas. Internacionalmente, ainda representou a seleção na EuroCup, em 1996, em Londres. Também treinou atletismo e lançamento do disco e do dardo, fez a maratona da Nazaré em cadeira de rodas e jogou andebol adaptado.

António Botelho tem um percurso mais curto: depois do Alcoitão, representou as equipas da APD-Lisboa e da ADFA e, após 24 anos de atividade, terminou a carreira em 1993. “Ainda fiz um curso de formação de treinador no Porto, mas estava no topo, não queria sair por baixo, e, quando fiquei saturado, deixei...”

Estes atletas, e os seus companheiros de Hei-

As classificações

Quem acompanha o desporto adaptado de uma forma regular já deve saber identificar as diversas classificações das deficiências, mas aqueles que, subitamente, se veem perante uma transmissão televisiva, por exemplo, devem ficar surpreendidos com os termos “C8” ou “T10” que surgem sempre à frente do desporto praticado. Estas classificações tornaram-se necessárias com o crescimento do movimento paralímpico e a cada vez maior importância dos resultados desportivos. Eis, de uma forma sintetizada, um guia para seguir algumas provas, sabendo que o prefixo “F” é usado para eventos de campo e o “T” para eventos de pista.

Atletismo – Os números 11 a 13 são reservados para deficientes visuais, o 20 para a deficiência intelectual, os números 32 a 38 para portadores de paralisia cerebral (32 a 34 para atletas em cadeira de rodas, e 35 a 38 para ambulantes), 40 para atletas com estatura baixa, 42 a 46 para amputados, e 51 a 58 para amputados e paraplégicos que correm em cadeira de rodas.

Basquetebol em cadeira de rodas – A classificação vai de 1.0 a 4.5, sendo que 1.0 descreve a limitação de funcionalidade mais significativa.

Boccia – Todos participam em cadeiras de rodas, nas classes BC1 (limitações severas da atividade que afetam pernas, braços e tronco devido a deficiências na coordenação), BC2 (melhor controlo do tronco e funcionalidade dos braços), BC3 (significativa limitação na funcionalidade dos braços e pernas e fraco ou nenhum controlo do tronco) e BC4 (deficiências que não são de origem cerebral e causam perda de força ou de coordenação muscular).

Bicicleta manual – As classes para atletas com deficiência física vão de H1 a H4, sendo que os números mais baixos indicam uma limitação mais severa; os atletas de **triciclo** dividem-se entre T1 e

T2, e os que usam uma **bicicleta** convencional vão de C1 a C5; os ciclistas com deficiência visual correm em tandem TB, com um ciclista visual sentado à frente.

Esgrima em cadeira de rodas – Classe A (bom controlo do tronco) e Classe B (controlo do tronco pior e um braço armado convencional, ou vice-versa).

Natação – Há três prefixos: “S” (estilo livre, mariposa e costas), “SM” (estilos individual) e “SB” (bruços); de S1 a S10, há dez classes para deficientes motores; de 11 a 13, é para a deficiência visual; o 14 é para a deficiência intelectual.

Futebol de 7 – A classe FT5 reúne atletas com hipertonicidade ou espasticidade nos membros inferiores, tendo dificuldade em correr, rodar ou parar; a FT6 classifica atletas com dificuldade em driblar a bola quando correm, aceleram ou param; na FT7, estão portadores de hemiplegia, com apenas um lado do corpo afetado; na FT8, os atletas têm uma deficiência mínima elegível, notada em contrações musculares involuntárias e hesitação antes de momentos explosivos. No *Futebol de 5*, todos são deficientes visuais.

Hipismo – Há cinco graus: Ia (deficiências severas de todos os membros e fraco controlo do tronco), Ib (controlo do tronco severamente reduzido e deficiência mínima nos membros superiores), II (capacidade muito limitada dos dois membros inferiores e bom equilíbrio do tronco), III (deficiência severa nos braços ou ausência de braços) e IV (deficiência num ou em dois membros, e reduzida visão).

Judo – B1 (deficiência visual), B2 (melhor acuidade visual, mas não conseguem ver a letra “E” a quatro metros) e B3 (campo visual restrito a menos de 40 graus).

Râguebi em cadeira de rodas – Sete classes, 0.5, 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0 e 3.5, sendo que a maior limitação de funcionalidade é na classe 0.5 (dificuldades no antebraço e na mão, às vezes falta de controlo do tronco ou das pernas).

Remo – AS (usam braços e ombros, podem não ter funcionalidade nas pernas e no tronco), TA (usam braços e tronco mas não conseguem usar as pernas) e LTA-PD (usam pernas, tronco e braços mas são elegíveis sem três dedos numa das mãos ou com amputação de um pé); há três classes para a deficiência visual: LTA-VI B1, B2 e B3 (graus variáveis, sendo menos severa a deficiência no B3).

Ténis em cadeira de rodas – Classe Aberta (deficiência significativa e permanente de pelo menos uma das pernas, com funcionalidade normal dos braços) e Classe Quad (difícil funcionalidade dos braços e das pernas).

Ténis de mesa – Todas as categorias são identificadas pelo prefixo “TT”: de 1 a 5 para atletas em cadeira de rodas, de 6 a 10 para atletas que competem em pé, e 11 para portadores de deficiência intelectual.

Tiro – O SH1 identifica atiradores que conseguem segurar a arma e o SH2 aqueles que não o conseguem fazer e precisam de um suporte.

Tiro com arco – ARW1 é para atletas em cadeira de rodas com deficiências nos quatro membros; ARW2 para atletas em cadeira de rodas com total movimento dos braços; ARST para atletas que competem em pé mas podem precisar de apoio devido a deficiência nos membros.

Vela – Barco de Quilha de Três Tripulantes (classes de 1 a 7, sendo 1 a mais severa; cada tripulação pode somar o máximo de 14); Barco de Quilha de Dois Tripulantes (um velejador TPA, com deficiências mais severas, e um velejador TBP, que só tem de satisfazer os critérios mínimos); Barco de Quilha de um Tripulante (critérios mínimos de deficiência).

Voleibol – MD (mínimamente deficiente) e D (deficiente).

delberg, ficaram durante muito tempo esquecidos pelas mais altas instâncias do país. Vilarinho recorda uma remota, e discreta, homenagem na Assembleia da República, e, mais recentemente, a 10 de junho deste ano, a Associação Nacional de Desporto para Pessoas com Deficiência Motora homenageou os representantes de 1972 com uma cerimónia no Pavilhão do Casal Vistoso, em Lisboa.

MEDALHAS E CAMPEÕES

Portugal só voltaria aos Jogos Paralímpicos doze anos depois, em 1984, em consequência

da agitação e das mudanças provocadas pela revolução de 25 de abril de 1974. Com o crescimento do associativismo desportivo e do conceito de “desporto para todos”, surgiu também a necessidade de criar oportunidades para a prática desportiva pelos deficientes, muitos deles oriundos das guerras ultramarinas. Foi assim criado em 1977 o Secretariado Nacional de Reabilitação (atual Instituto Nacional para a Reabilitação) e um setor para o desporto por deficientes, na Divisão de Recreação da Direção-Geral dos Desportos (hoje Instituto Português do Desporto e da Juventude).

Ainda nesta vertente recreativa, é preciso destacar o papel já então desempenhado pela Associação Portuguesa de Surdos desde 1958, pela Associação Portuguesa de Deficientes desde 1972 e pela Associação dos Deficientes das Forças Armadas desde 1974. Estas entidades realizavam convívios, acampamentos e atividades recreativas, mas a grande precursora da vertente desportiva competitiva terá sido a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (desde 2006 designada por Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral), ao organizar as primeiras atividades, em

► **Portugal teve os primeiros campeões logo na sua segunda participação**

1982. Instituinto uma prática desportiva regular, a APPC teve influência decisiva nas primeiras participações portuguesas em competições internacionais, até ao regresso aos Paralímpicos, em Nova Iorque.

Nos Jogos de 1984, já se vivia uma situação diferente da de 1972, sendo agora abertos a diversos desportos. Portugal fez-se representar apenas por atletas com paralisia cerebral, mas em cinco modalidades: atletismo, *boccia*, ciclismo, futebol de 7 e ténis de mesa. No total, eram 29 atletas, que conquistaram as primeiras medalhas: 13, sendo quatro de ouro, três de prata e seis de bronze.

Em Nova Iorque, Portugal teve, portanto, os seus primeiros campeões paralímpicos: os atletas António Carlos Martins e Reinaldo José Pereira, e os componentes da equipa mista de *boccia*, António Baltazar, Maria Helena Martins e António José Mateus.

Destes cinco heróis, merece destaque especial António Martins, por ter trazido duas medalhas de ouro, a primeira nos 200 metros C8, e a segunda no *cross country* C8 (esta classificação é relativa a lesões na secção cervical). Também em C8, mas nos 100 metros, José Reinaldo Pereira foi outro dos portugueses consagrados em Nova Iorque. Finalmente, foi grande a honra para o *boccia* português, que, na sua primeira participação internacional (e na estreia da modalidade nos Jogos Paralímpicos) conquistou a medalha de ouro na prova mista, por António Baltazar (C2), Maria Helena Martins (C2) e António Mateus (C2), os dois primeiros de Oeiras e o último de Lisboa.

OURO ATÉ 2000

Teria aqui início um percurso sensacional dos atletas portugueses nos Jogos Paralímpicos. Portugal não só não voltaria a falhar participações, como não mais regressou de mãos a abanar. Houve sempre medalhas, muitas medalhas: 14 medalhas em Seul 1988, nove em Barcelona 1992, 14 em Atlanta 1996, 15 em Sydney 2000, 12 em Atenas 2004, sete em Pequim 2008 e três em Londres 2012. No total, são 88 medalhas, incluindo várias de ouro!

Desde 1984, houve também muitos campeões: em Seul 1988, a lançadora Olga Pinto, na classe C1, arrecadou duas medalhas de ouro. Em 1992, sagraram-se Carlos Conceição nos 200 metros B1 e nos 400 m B1, e Paulo de



Longevidade. António Vilarinho (em cima, com a equipa da APD-Lisboa), já leva 50 anos de prática desportiva.

Almeida Coelho nos 1500 m B1. Em 1996, Domingos Ramião Game nos 400 m T10 e nos 800 m T10, e Paulo de Almeida Coelho nos 1500 m T10 e nos 5000 m T10. Em 2000, Gabriel Potra nos 200 m T12, Carlos Lopes nos 400 m T11, Paulo de Almeida Coelho nos 1500 m T11, Carlos Amaral Ferreira na maratona T11, Carlos Lopes, José Alves, José Gameiro e Gabriel Potra na estafeta 4x400 m T13. Nos três Jogos seguintes (2004, 2008 e 2012) não tivemos campeões paralímpicos.

Acrescente-se que em 1988, tal como quatro

anos antes, Portugal apenas apresentou atletas com paralisia cerebral, enquadrados pela APPC. Porém, com a constituição da FPDD (Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência), fundada em 1988, foi possível participar com as várias áreas da deficiência a partir de Barcelona 1992, onde Portugal já teve, além da paralisia cerebral, representantes nas áreas da deficiência visual e motora.

O número de atletas aumentou gradualmente, registando-se em Sydney 2000 a maior representação (52 atletas), e também os melho-

res resultados, com 15 medalhas, seis delas de ouro! Depois dessa participação, assistiu-se a uma diminuição, cada vez mais acentuada, do número de representantes e, sobretudo, do número de medalhas. Há quatro anos, em Londres, houve apenas três medalhas: uma de bronze, no atletismo, e duas no *boccia*, de prata e de bronze.

Em Londres, também foi a primeira vez que a missão portuguesa esteve a cargo do Comité Paralímpico Português, papel até então desempenhado pela FPDD.

Primeiro... Stoke Mandeville

Os onze cadeirantes de Heidelberg 1972 têm, naturalmente, um lugar de relevo na história do desporto paralímpico em Portugal, mas não são os únicos, e, embora tenham sido pioneiros quando se fala em participações paralímpicas, não o foram em grandes competições internacionais: em 1959, um ano antes da primeira edição dos Jogos Paralímpicos (Roma 1960), dois portugueses participaram nos Jogos de Stoke Mandeville, que dariam origem aos Paralímpicos. Um deles foi José Correia Frade, que participou na prova de tiro com arco adaptado. Há cerca de um ano, após a sua morte, a sua viúva doou ao Comité Paralímpico Português diversos objetos relativos a essa participação, nomeadamente fotografias, e o seu arco e flechas. Antes de 1960, os Jogos de Stoke Mandeville eram uma espécie de Jogos Paralímpicos, tendo sido criados por Ludwig Guttmann, o neurologista alemão que está para os paralímpicos como Pierre de Coubertin para os olímpicos. Guttmann, originário de uma família judaica, foi um dos principais neurologistas da Alemanha até 1939, mas então foi obrigado a fugir para Inglaterra. Em 1944, fundou, a convite do governo britânico, o Centro Nacional de Traumatismos da Coluna Vertebral, no Hospital de Stoke Mandeville, perto de Londres. O médico tinha a convicção de que o desporto era um excelente método terapêutico para a reabilitação da força física e da autoestima, introduzindo-o nos tratamentos com lesados na coluna vertebral. Em 1948, promoveu a primeira competição oficial, com tiro com arco e pólo em cadeira de rodas, os Jogos de Stoke Mandeville



Sir Ludwig Guttmann.

para Paralisados. Após este evento, foi criada a Federação Internacional de Desportos em Cadeira de Rodas, e os Jogos de Stoke Mandeville conheceram um crescimento acelerado, surgindo atletas de várias partes do mundo, ano após ano. Quando, em finais da década de 50, foi convidado a levar os Jogos até Itália (Roma receberia os Olímpicos em 1960), surgiu a oportunidade de criar os Jogos Paralímpicos, em moldes semelhantes aos promovidos por Coubertin. Assim, em setembro de 1960, em Roma, uma semana após o termo dos Jogos Olímpicos, tiveram início os primeiros Paralímpicos, com 400 atletas deficientes em representação de 21 países.



O espólio de José Correia Frade oferecido ao Comité Paralímpico Português.



Lista dourada

Sete medalhas fazem de Paulo de Almeida Coelho o atleta português mais bem sucedido na história dos Jogos Paralímpicos: é detentor de quatro medalhas de ouro (1500 metros B1, 1500 m T10, 5000 m T10 e 1500 m T11), e ainda duas de prata e uma de bronze. Cego de nascença, Paulo Coelho dedicou-se ao atletismo a partir dos 17 anos, em 1988, através da ACAPO. Ganhou a sua primeira medalha internacional em 1991, e a partir daí acumulou diversos triunfos em provas europeias e mundiais, incluindo os Jogos Paralímpicos. Deixou a competição em 2006. Coelho faz parte de uma lista de grandes atletas paralímpicos que é liderada pela norte-americana

Cego de nascença, Paulo Coelho correu sempre com a ajuda de um guia.

na Trischa Zorn, que ganhou um total de 46 medalhas, 32 delas de ouro! Nascida com aniridia (falta congénita da íris do olho), competiu como deficiente visual. Atualmente, é professora na Universidade do Nebraska. Outro nome histórico é o do esgrimista húngaro Pál Szekeres, que conquistou medalhas tanto nos Jogos Olímpicos como nos Paralímpicos: ganhou uma medalha de bronze em Seul 1988, mas após essa olimpíada sofreu um acidente de trânsito que o colocou numa cadeira de rodas. Com um espírito de superação notável, quatro anos depois estava nos Paralímpicos. Conquistou três ouros e três bronzes na esgrima em cadeira de rodas, entre 1992 e 2008.



Trischa Zorn ganhou 46 medalhas, incluindo 32 de ouro!

OS SONHOS DE LENINE CUNHA

Um dos casos mais curiosos do desporto adaptado português é o do atleta Lenine Cunha, que, embora seja o mais medalhado da história, luta ainda por concretizar o sonho de conquistar um título paralímpico. Lenine, competindo na área da deficiência intelectual, foi prejudicado pela decisão, tomada em 2000 pelo Comité Paralímpico Internacional, de excluir a deficiência intelectual dos Jogos, devido a denúncias de fraudes na escolha dos atletas. O escândalo estalou quando um jornalista se infiltrou na equipa de basquetebol da Espanha e descobriu que tinham sido escalados vários atletas sem deficiência. Havia muita dificuldade em definir os critérios para este tipo de deficiência, e só em 2004 foi aprovada uma resolução permitindo novamente a participação dos portadores de deficiência intelectual nos Jogos, o que aconteceu em 2012.

Lenine Cunha materializou um sonho antigo

► A comitiva lusa no Rio 2016 terá quase três dezenas de atletas

em 2012, em Londres, ao ganhar a medalha de bronze no salto em comprimento F20 e, com 183 (até julho...) medalhas em diversas competições internacionais, aponta agora para a consagração total, que seria o ouro no Rio 2016.

Cunha é um exemplo de persistência e superação: nascido em Vila Nova de Gaia, criança saudável, tudo mudou na sua vida quando, aos quatro anos teve um ataque de meningite, com graves sequelas: perdeu a memória, a fala, parte da audição e da visão, deixou de caminhar... De alguns destes problemas recuperou ligeiramente, mas ainda hoje a deficiência permanece evidente no lado esquerdo da face, e a audição e a visão são profundamente limitadas.

O atletismo, em que a mãe o inscreveu aos

seis anos, começou por ser uma terapia, para depois se tornar numa paixão. Medalha após medalha, título após título, tornou-se um símbolo do desporto adaptado em Portugal, e é uma das maiores esperanças do país para os Jogos deste ano. Mesmo assim, viu-se obrigado a abrir uma campanha para donativos numa plataforma de *crowdfunding*, para conseguir verbas que lhe permitissem uma melhor preparação para o grande evento no Brasil.

RIO 2016

Este ano, os sonhos dos paralímpicos vão correr entre 7 e 18 de setembro, no Rio de Janeiro. A organização preparou cuidadosamente um evento de cada vez maior impacto: 176 países,

Grandes esperanças. Com 183 medalhas no currículo, falta ao palmarés de Lenine Cunha um título de campeão olímpico. Será no Rio?

23 desportos, 528 competições, 4500 atletas. Com as cores portuguesas, estarão presentes 28 heróis, em sete modalidades (atletismo, boccia, natação, ciclismo, equitação, tiro e judo), havendo fortes expectativas em concorrentes como Lenine Cunha, Jorge Pina ou Gabriel Potra. Em termos coletivos, e como sempre, há fortes esperanças na boccia. Pela primeira vez, Portugal estará representado no tiro e no judo.

O Comité Paralímpico promoveu uma campanha, intitulada “Sem pena”, na qual tenta acabar com o sentimento com que frequentemente são olhados os deficientes, exaltando o esforço e o espírito de superação dos atletas paralímpicos. Diversas figuras públicas aderiram à campanha, que também tem sido enriquecida com vídeos elucidativos sobre o esforço destes super-atletas.

No Rio de Janeiro, modalidades como a canoagem e o triatlo fazem a sua estreia nos Jogos Paralímpicos. A exemplo do que aconteceu em Londres 2012, também nos paralímpicos há a ambição de estabelecer novos records: o objetivo é chegar a um público televisivo de mais de quatro mil milhões de pessoas. Com uma grande campanha de sensibilização sobre o desporto paralímpico, a organização angariou embaixadores, como Romário, Ronaldinho Gaúcho, Emerson Fittipaldi e Ayrton Senna (este, *in memoriam*), e teve a ajuda de um vídeo sensacional, do canal inglês Channel 4, intitulado *We're the Superhumans*. Vale a pena vê-lo: <http://youtu.be/locLkk3aYlk>.

Por alguma razão, Marcelo Paiva, diretor artístico da cerimónia de abertura, promete para 7 de setembro: “Vão chorar lágrimas de emoção.”

J.S.